

introduzir o sexo no dia-a-dia — não só à sexta-feira, «porque a semana já chegou ao fim». «Tudo pode ser um acto de amor», acredita a instrutora, que defende a necessidade absoluta de «parar, nem que seja cinco minutos por dia». «A vida não pode ser só uma correria desenfreada para ganhar dinheiro.» E ressalva, a propósito de Sting: «Ele é a figura pública que todos associam ao sexo tântrico — mas esquecem-se que ele tem realmente um lar, que é uma coisa raríssima no meio artístico. Tem uma mulher, com quem vive há muitos anos (desde 1982), que respeita e a quem é fiel, de quem tem quatro filhos...» E qualquer pessoa que ao fim de 26 anos de vida a dois confesse fazer amor — com a mulher — durante oito horas só pode merecer o nosso respeito.

Como bolas num jogo de «flippers». A questão do tempo também atingiu Paulo Margato como um clarão, em Outubro deste ano. Com um «empurrão» da mulher, Fernanda, esteticista — com quem está casado há 16 anos e de quem tem dois filhos (uma de 13 anos e outro de 6) —, fizeram o workshop «Um Sabor de Tantra», ministrado pelo mundialmente conhecido Ronald Fuchs, profissional de «rebirthing» e de tantra, com 26 anos de experiência. «Aprendi a ter mais respeito por mim, a perceber que o trabalho não está à frente de tudo. A parar para pensar.» A «descoberta» pode parecer prosaica, mas não deixa de ter importância.

No retiro de três dias em Sintra (o próximo curso com este mestre, em «Tantra Avançado», é já em Fevereiro), Fernanda e Paulo fizeram exercícios respiratórios, aprenderam mais sobre a energia do masculino e do feminino, trabalharam em casal e individualmente, fizeram exercícios vendados (a visão é o sentido mais estimulado hoje), reconhecendo, através do toque, a energia do masculino e do feminino e percebendo se se sentiam bem junto da pessoa em que tocavam... Mas admitem que, em relação à sua vida sexual, ainda não conseguiram integrar o que aprenderam.

Falta-lhes o tempo — Fernanda só fol-

«O sexo tântrico é um ritual. Começa na criação do ambiente, no tirar da roupa, na minha cabeça»

ga ao domingo, e os horários flexíveis de Paulo fazem com que nunca saiba a que horas chega. Somando isso à lida de uma casa e a dois filhos, um dos quais ainda muito dependente da mãe, torna-se complicado não chegar à noite estafado... «Precisávamos no mínimo de uma manhã por semana para nós, sossegados», admite Paulo. Fernanda concorda. «Se tivesse possibilidades económicas, gostava de nos oferecer um fim-de-semana só para os dois, pelo Natal.» Por enquanto, estão centrados em tentar perceber onde estão e o que querem. E têm pena de não poderem partilhar com os amigos estas novas descobertas. «Nenhum dos nossos amigos está na mesma caminhada pessoal que nós. Há ainda muita resistência», conta este vendedor de máquinas de venda automática. «Quando falei com alguns sobre o workshop de tantra, geraram-se logo uma série de equívocos. Ia logo tudo para o sexo, para as posições, para o 'Kamasutra'. 'Então, e havia gajas? E tu, foste com a tua...?'»

Quanto a Fernanda, passou a ter, religiosamente, um bocadinho para ela todos os dias. «Encaro isto como uma tarefa», diz ela, e medita. Ainda não conseguiu afastar o sentimento de culpa quando está «sem fazer nada» (o que raramente acontece), mas não cessa de se espantar com a aparente falta de questionamento de todos face ao corre-corre da sociedade. «Parecemos bolas de um jogo de 'flippers', o dia todo de um lado para o outro, a correr, a bater com a cabeça, sem nos apercebermos disso...»

Paulo completa o seu pensamento: «Acho muito mais interessante fazer este tipo de fins-de-semana de desenvolvimento pessoal, em que estou a investir em mim e me estou a enriquecer, do que ir passar dois dias com amigos, comer, beber e regressar no domingo mais estorido do que quando fui, para começar a semana de rastos... Na semana seguinte aos workshops de tantra e de 'rebirthing', tudo flui de forma incrível. De repente, quando olho para as pessoas à minha volta, parecem-me todas adormecidas.» Será que algo nos está a passar ao lado?... ■